

2.05.99 - Ecologia

USOS E ETNOBOTÂNICA SOBRE OS RECURSOS VEGETAIS EM DUAS COMUNIDADES INDÍGENAS DA RESERVA SÃO MARCOS, RORAIMA

Sandra Kariny Saldanha de Oliveira¹

Márcia Teixeira Falcão^{*2}

1. Professora do Curso de Ciências Biológicas da UERR- Mestrado em Ensino de Ciências -UERR

2. Professora do Curso de Geografia da UERR -Mestrado em Agroecologia - UERR

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi identificar as principais plantas medicinais utilizadas nas duas comunidades indígenas do baixo São Marcos. Foi realizado levantamento etnobotânico sobre as plantas por meio de entrevistas semiestruturadas na comunidade Vista Alegre e Darôra a respeito do nome popular, parte usada, forma de preparo e usos locais. Na comunidade indígena Vista Alegre foram registradas 18 espécies distribuídas em 15 famílias e 18 gêneros e quatro espécies não identificadas. Na comunidade indígena Darôra 12 espécies distribuídas em 11 famílias e 12 gêneros e uma espécie não identificada. Nas duas comunidades as folhas foram mais citadas (17) representando 37,7% do total das citações; os tratamentos mais citados foram doenças inflamatórias (40%), gripes (22,85%), diarreias/disenteria e cicatrização (8,57%). As comunidades indígenas utilizam uma grande diversidade de plantas medicinais para a cura de doenças, o que demonstra a exuberância da flora local.

Autorização legal: Comissão Nacional de ética em Pesquisa (CONEP) - CAAE: 19101413.0.0000.5302; Comitê de ética em pesquisa (CEP/UFRR) CAAE: 19101413.0.0000.5302

Palavras-chave: Etnobotânica; Composição florística; Indígenas.

Introdução

Os estudos etnobotânicos efetuados entre os grupos indígenas da Amazônia registraram a extraordinária variedade das plantas por eles descobertas, seus conhecimentos e a elevada porcentagem de espécies aproveitadas por estes povos (PRANCE, 1986). A continuidade das práticas e atividades tradicionais dos povos indígenas, dependem de um modo de vida estreitamente relacionado ao ambiente, onde a continuidade da produção desses conhecimentos assegura sua sobrevivência física e cultural (SANTILLI, 2004).

Neste contexto, se insere no campo de estudo da pesquisa etnobotânica, em duas comunidades indígenas (Vista Alegre e Darôra) na Terra Indígena São Marcos (TISM) Roraima. Os povos indígenas mantêm estreitas relações com os elementos do meio natural, sendo destarte importante estudá-las por meio de abordagens etnobiológicas. A maior parte dos estudos conduzidos junto a estes povos abordam o uso medicinal das plantas pela ótica da etnobotânica ou da etnofarmacologia, e revelam o universo de conhecimentos ligados a tais recursos detidos por indígenas (HAVERROTH, 2010; OLIVEIRA et al., 2005).

O conhecimento tradicional é uma das grandes riquezas da Amazônia, uma vez que é o caminho para a descoberta de novos alimentos, remédios, corantes, óleos, essências Posey (1992) no âmbito dos trabalhos realizados na região Amazônica na interface entre natureza/cultura, essa característica continua relativamente marcante, no caso dos povos indígenas, por questões históricas, culturais e do ambiente onde a maioria desses povos vive, essa relação costuma ser mais estreita" (HAVERROTH, 2010).

O trabalho tem como objetivo identificar as principais plantas medicinais utilizadas nas duas comunidades indígenas do baixo São Marcos.

Metodologia

As comunidades do baixo São Marcos estão localizadas nas coordenadas 03° 06' 41.6" N e 60° 30' 02.7" W (Vista Alegre); 03° 10' 42.2" N e 60° 23' 34.0" W (Darôra), localizam-se na área rural do município de Boa Vista, aproximadamente 80 km da capital do Estado. No processo investigativo foram utilizadas entrevistas individuais, semiestruturadas, relacionadas com a etnobotânica sobre o cultivo e do uso das plantas medicinais. Para entender a realidade dos sujeitos, o diário de campo, foi utilizado na tentativa de auxiliar a interpretação dos dados, o que permite ao pesquisador apresentar suas idéias, observações e concepções sobre objetos, mundo, fenômenos e acontecimentos nas comunidades indígenas pesquisadas, a partir da observação participante. A observação participante é a melhor maneira para se assegurar de que os dados coletados refletem de fato o ponto de vista do grupo pesquisado, além de compreender os contextos em que se dão os processos estudados (AMOROZO; VIERTLER, 2010).

Na composição da amostra para a seleção de informantes foi utilizada a chamada "bola de neve", uma seleção intencional na qual, a partir do contato inicial com a comunidade, um primeiro especialista é reconhecido, ou seja, os informantes envolvidos são selecionados a partir de indicações feitas pelos entrevistados da comunidade, e este passa a indicar outro especialista, e assim sucessivamente, até envolver todos os especialistas da comunidade conforme interesse e disponibilidade dos inquiridos, pois o objetivo é fazer o levantamento dos saberes construídos, das práticas, da oralidade, que expressa os valores culturais da comunidade local (ALBUQUERQUE et al., 2010).

A coleta de dados foi realizada mensalmente nas duas comunidades pesquisadas, com duração de

uma semana em cada uma, o que permitiu o acompanhamento do uso das plantas na produção de “remédios caseiros”, bem como apreender diferentes aspectos das relações com as plantas medicinais a partir do convívio diário com as famílias indígenas. As principais informações solicitadas foram: nome da planta, parte usada, a forma de preparo, usos e a forma de uso, a fim de se obter a identificação e informações mais precisas sobre as espécies indicadas.

O projeto foi submetido a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), e aprovado com parecer consubstanciado (nº 820.111). Desta forma a CONEP encaminhou o projeto ao CEP, que emitiu parecer (nº 953.257) aprovando o projeto de pesquisa e autorizando a realização dos trabalhos.

Resultados e Discussão

Na comunidade indígena Vista Alegre foram registradas 22 espécies. Destas, 18 espécies distribuídas em 15 famílias e 18 gêneros, e quatro espécies não identificadas. A família mais bem representada foi Fabaceae, com cinco espécies. As espécies não identificadas estão na área de lavrado e nos relatos dos informantes algumas estão do outro lado do rio ou no brejo próximo aos buritizais, localizando-se longe das casas, sendo necessário o acompanhamento do informante ou de um conhecedor local para que haja a identificação das espécies citadas, o que deverá ser realizado no ano em curso. Na comunidade indígena Darôra foram registradas 13 espécies. Destas, 12 espécies distribuídas em 11 famílias e 12 gêneros e uma espécie não identificada. A família mais bem representada foi Lamiaceae com duas espécies.

Nas duas comunidades as partes vegetais mais citadas foram as folhas (17) representando 37,7% do total das citações, e a casca/entrecasca (10), com 22,2%, que são utilizadas na forma de chá e banhos.

Para as duas comunidades, as principais indicações foram para doenças inflamatórias (40%), gripes (22,85%), diarreias/disenteria e cicatrização (8,57%), dor (11,4%), gastrite, câncer e febre (5,7%), sarampo, pneumonia, febre, caspas e corrimento correspondem a (2,8%). Nas entrevistas dois informantes, da comunidade de Vista Alegre declararam que todo e qualquer procedimento de cura e/ou prevenção de doenças na comunidade era feito com a “medicina do mato”, e que hoje “as pessoas só procuram o posto de saúde porque não dá trabalho, o remédio já tá pronto; e nem existe mais pajé, pois eles sim são grandes conhecedores das plantas”.

Na comunidade de Vista Alegre, duas senhoras entrevistadas relataram sobre um curso de plantas medicinais que foi realizado na comunidade indígena Malacacheta nos anos 90, onde estavam indígenas de diversas etnias e os conhecimentos foram repassados por pajés (especialistas em “medicina do mato”). Neste curso, foi elaborada uma cartilha com os nomes das plantas, seus usos e o modo de coleta das espécies.

Os informantes relataram ainda que após este curso, foram disponibilizados no posto de saúde da comunidade remédios caseiros medicinais, preparados por duas pessoas e distribuídos para a comunidade de acordo com as necessidades. Depois, uma das pessoas que, na época, era agente de saúde foi morar em outra comunidade, também a falta de material como mel, panela de barro, álcool, etc. contribuiu para que acabasse. Falaram que “Hoje karaiwa¹ (branco) já traz remédio, hoje a gente já deixou o natural”. “Pra fazer remédio tem que andar longe, hoje tá bem distante das casas.

A maioria das plantas medicinais utilizadas pelas duas comunidades foi coletada. Em apenas uma comunidade Darôra existe uma horta cultivada, onde são encontradas as plantas medicinais que serve de uso comunitário e de referência para os moradores quando precisam para tratar doenças, a informante relatou “que aprendeu este tipo de medicina do mato com a mãe e o que ela aprendeu vai repassando para outras pessoas da comunidade e também quando alguém precisa de planta pega com ela”, e que para cultivo da horta ela traz plantas de outras comunidades ou da cidade, e vai plantando e aumentando o número de espécies na horta.

Conclusões

Diante das informações citadas, as comunidades indígenas da TISM utilizam uma grande diversidade de plantas medicinais para a cura de doenças, o que demonstra a exuberância da flora local. As preparações terapêuticas preferenciais são os chás, e as principais indicações são para doenças inflamatórias, isto demonstra a diversidade do saber tradicional associado aos recursos vegetais.

O conhecimento sobre plantas medicinais foi adquirido na família, embora é importante salientar que o curso sobre plantas medicinais promovido pela diocese de Roraima na área indígena Malacacheta atuou como disseminador do que foi apreendido, pois nas duas comunidades estudadas existem pessoas que participaram e socializaram as aprendizagens obtidas com os pajés. Pesquisas etnobotânicas realizadas com povos indígenas do território de Roraima revelam a importância de estudos desta natureza nessas comunidades, que têm os recursos naturais como fonte de subsistência.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, U.P. LUCENA, R.F.P. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P. LUCENA, R.F.P. CUNHA, L.V.F. (org.). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010, p.41-64.

¹ Significa homem branco na língua materna macuxi.

AMOROZO, M.C.M. VIERTLER, R.B. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, U.P. LUCENA, R.F.P. CUNHA, L.V.F. (org.). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010, p.67-82.

HAVERROTH, M. Os desafios da pesquisa etnobotânica entre povos indígenas. In: SILVA, V. A.; ALMEIDA, A. L. S.; ALBUQUERQUE, U. P. (Org). **Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas & Natureza na América Latina**. Recife. Nupeea, p. 133- 141, 2010.

PRANCE, G. T. "Etnobotânica de algumas tribos amazônicas". In: Ribeiro, Berta: Suma Etnológica Brasileira. Petrópolis: Vozes FINEP, I: 119-134 p.1986.

SANTILLI, J.; EMPERAIRE, L. A Agrobiodiversidade e os direitos dos agricultores tradicionais. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil 2001 a 2005. São Paulo. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>.

OLIVEIRA JUNIOR, J. O. L.; COSTA, P. MOURÃO JUNIOR, M. Agricultura familiar os lavrados de Roraima. In: BARBOSA, R. I.; XAUD, H. A. M.; SOUZA, J. M. C. (Orgs.). **Savanas de Roraima: etnoecologia, biodiversidade e potencialidades agrosilvipastoris**. Boa Vista: FEMACT, p. 155-178, 2005.